

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

O alarme social

Há por aí boa gente em apostar no alarmismo social nos Açores.

O que se está a passar com uma parte da classe médica açoriana, com nítido aproveitamento político, não é bom exemplo nem contribui, em nada, para o clima de entendimento que o Presidente do Governo resolveu assumir pessoalmente, qual “bombeiro de serviço” para acorrer às trapalhadas provocadas pelos seus parceiros.

Mais grave é quando este alarmismo é liderado por pessoas sem credibilidade, que carregam no exagero, sendo que, depois, quando for preciso acudir com realismo a situações de crise, já ninguém vai acreditar. É a velha história do rapaz e do lobo.

O aproveitamento que se está a fazer de um sector tão sensível como é o da Saúde, para satisfazer egos pessoais, vinganças e outras agendas mais ou menos escondidas, não ajuda em nada para um entendimento que acabe com o clima de tensão, onde até já se ameaça, sem pudor, que “os doentes é que irão sofrer”.

Valha-nos a tradicional sensibilidade e sentido de responsabilidade da classe de enfermagem, que já veio a terreiro garantir que nunca abandonará os doentes, mesmo que faltem os médicos.

O país, o mundo, a nossa região, estão a atravessar uma crise económica e social que afecta gravemente as famílias, sobretudo as mais frágeis.

Agravar ainda mais este fardo com tricas e alarmismos sociais, só piora o estado em que estamos a viver.

A não ser que, aqui sim, alguém esteja interessado neste caos para daí retirar dividendos pessoais, de grupo ou de ordem política.

Agora que parte das reivindicações está resolvida, com a demissão da Presidente do Conselho de Administração do HDES e com o compromisso do governo em analisar as exigências da classe, espera-se que a tensão baixe e se olhe mais para os compromissos éticos, sobretudo em relação aos doentes.

Resolvam lá os problemas que possam existir, entendam-se como Homens, criem condições para o clima de paz social que se impõe, e deixem de sacrificar as famílias e os cidadãos, que já têm problemas mais do que suficientes para resolver no dia-a-dia.

Os açorianos não merecem ser sacrificados pelos interesses de ninguém, sejam eles partidos, grupos, associações ou agentes individuais.

Os Açores estão muito para além disso.

Valor dos apartamentos dispara 22% e é o maior aumento do país



Em Outubro passado, o valor mediano de avaliação bancária de apartamentos foi 1.581 euros/m² no país, tendo aumentado 14,2% relativamente a Outubro de 2021, revelou ontem o INE.

Os valores mais elevados foram observados no Algarve (1.967 euros/m²) e na Área Metropolitana de Lisboa (1.878 euros/m²), tendo o Alentejo registado o valor mais baixo (1.033 euros/m²).

A Região Autónoma dos Açores apresentou o crescimento homólogo mais expressivo (22,3%), tendo a Região Autónoma da Madeira apresentado o menor (9,7%).

Comparativamente com o mês anterior, o valor de avaliação desceu 0,6%, observando-se a maior subida na Região Autónoma da Madeira (2,9%) e a descida mais acentuada no Norte (-1,1%).

O valor mediano da avaliação para apartamentos T2 diminuiu 8 euros, para 1 599 euros/m², tendo os T3 descido 2 euros, para 1 400 euros/m².

No seu conjunto, estas tipologias representaram 78,6% das avaliações de apartamentos realizadas no período em análise.

Em Outubro de 2021 o valor mediano dos

apartamentos nos Açores era de 1.179 euros/m², sendo agora de 1.442 euros/m².

Nas moradias, o valor mediano nos Açores era em Outubro do ano passado de 913 euros/m², sendo agora de 1.018 euros/m², uma subida homóloga de 11,5% e de 2,6% em cadeia.

No conjunto da habitação nos Açores, o valor mediano em Outubro do ano passado era de 951 euros/m² e agora é de 1.086 euros, uma subida homóloga de 14,2% e de 1,3% em cadeia.

São das maiores subidas do país, quando os preços começam a desacelerar.

Com efeito, ainda segundo o estudo do INE, o valor mediano de avaliação bancária foi 1 420 euros em Outubro, menos 9 euros que o observado no mês precedente.

Em termos homólogos, a taxa de variação fixou-se em 13,5% (15,6% em setembro).

Refira-se que o número de avaliações bancárias consideradas diminuiu pelo quarto mês consecutivo, situando-se em cerca de 25,6 mil, o que representa uma redução de 8,6% face ao mesmo período do ano anterior e menos 22,7% que em maio último, mês em que se registou o máximo da série.

A terceira região mais afectada

17 vagas de Medicina ficaram por preencher nos Açores

A Ordem dos Médicos (OM) considerou “grave” que 161 vagas tenham ficado por ocupar no recente concurso para o internato médico em todo o país, alegando que o Serviço Nacional de Saúde (SNS) “perdeu uma oportunidade” de ter mais especialistas.

“O número de vagas por ocupar foi o maior de sempre. Não só não estamos a conseguir reter os médicos especialistas, como também não os estamos a atrair” para o SNS, afirmou o bastonário Miguel Guimarães, em comunicado.

12 vagas em Medicina Familiar

“Em termos das vagas sobrantas nestas especialidades médicas por regiões, verifica-se maior incidência em Lisboa e Vale do Tejo,

com 38 vagas em Medicina Geral Familiar (MGF) e 42 em Medicina Interna (MI), na região do Alentejo, com 14 vagas em MGF e oito em MI, e a terceira região mais afectada é a região dos Açores, com 12 vagas em MGF e cinco em MI”, refere o comunicado.

“Há um evidente desinteresse dos jovens médicos pela formação especializada no SNS e um sinal vermelho à atuação do ministério e do Governo”, lamentou Miguel Guimarães, para quem o SNS “perdeu uma oportunidade de ter mais médicos especialistas numa altura em que são precisos muitos mais”.

A ACSS assegurou, porém, que 222 médicos que não tinham escolhido especialidade nos anos anteriores optaram agora por regressar ao SNS, escolhendo uma das vagas disponíveis neste concurso.